

MELANIE KLEIN E A EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE

Melanie Klein and the experience of otherness

RESUMO O tema da alteridade em Melanie Klein é abordado a partir da reflexão sobre as noções de “objeto” em sua obra. Inicialmente, o artigo situa seu pensamento em um panorama geral de teorias psicanalíticas sob uma perspectiva que focaliza a importância do outro nas diferentes concepções sobre a constituição do psiquismo. Em seguida, refletindo sobre as noções de “objeto parcial”, “objeto total”, “objeto interno”, “objeto externo”, “mundo externo” e “realidade externa”, o artigo aborda os limites e as possibilidades da experiência da alteridade no pensamento da autora, o qual é marcado por uma concepção filosófica que simplifica as noções de realidade e cria impasses conceituais, limitando o alcance da alteridade na obra. Apesar disso, suas formulações enfatizam de forma original aspectos do sujeito e principalmente do objeto, conferindo importância particular à experiência da alteridade.

PALAVRAS-CHAVE PSICANÁLISE; MELANIE KLEIN; ALTERIDADE; OBJETO.

ABSTRACT The subject of otherness in Melanie Klein is approached from her notions of “objects”. At first, this paper sets her work within a general panorama of psychoanalytic theories, in a perspective that focuses the importance of the other in different conceptions about the psyche’s constitution. Then, reflecting on notions of “partial object”, “whole object”, “internal object”, “external object”, “external world” and “external reality”, this paper considers the limits and possibilities of the experience of otherness in Klein’s work. Her ideas are characterised by a philosophical conception that simplifies the notions of reality and creates conceptual impasses, limiting the reach of the otherness in her work. Despite that, her formulations emphasize, in an original way, aspects of the subject and mainly of the object, giving special importance to the experience of otherness.

KEYWORDS PSYCHOANALYSIS; MELANIE KLEIN; OTHERNESS; OBJECT.

ROSANA SIGLER
Universidade Nove de
Julho (UNINOVE)
rsigler@uol.com.br

MELANIE E KLEIN E A ALTERIDADE

INTRODUÇÃO

Para tratar do tema da alteridade no pensamento de Melanie Klein, em primeiro lugar, situo seu trabalho em um panorama mais geral de teorias psicanalíticas, a partir de perspectivas que focalizam a importância do outro nas diferentes concepções sobre a constituição do sujeito e sobre a própria experiência intersubjetiva. Com isso, já ficam evidentes alguns aspectos da noção de objeto na obra da autora, relevantes para a presente discussão. Em seguida, apresento e discuto as diferentes noções de objeto, buscando explicitar os limites e possibilidades da experiência da alteridade em seu pensamento.

Greenberg e Mitchell (1994) propõem uma diferenciação entre teorias psicanalíticas de acordo com o peso conferido à pulsão ou à relação com o outro no desenvolvimento de uma estrutura psíquica. A diferenciação fundamental estabelecida é feita entre o modelo estrutural-pulsional e a perspectiva alternativa de um modelo estrutural-relacional. As premissas fundamentais do modelo estrutural-pulsional podem ser assim resumidas: 1. por uma concepção de indivíduo como unidade fundamental, pensado como divorciado do contexto relacional desde os primórdios da constituição de seu psiquismo; 2. pela ausência da suposição de laços pré-ordenados com o ambiente humano, fazendo do outro uma criação da pulsão; 3. pela concepção de pulsão como a origem de toda ação humana, determinando os contornos de sua relação original e atual com o mundo externo. As teorias de Sigmund Freud e de Melanie Klein fazem parte, então, desse modelo estrutural-pulsional.

O modelo estrutural-relacional abarca, por sua vez, teóricos que enfatizam as contribuições culturais à estruturação da personalidade e teóricos que fundamentam essa estruturação no que se entende por *relações de objeto*. O marco inicial nessa segunda linhagem do modelo estrutural-relacional foi o trabalho de W.R.D. Fairbairn. Outro autor

que faz parte dessa linhagem é Donald W. Winnicott.

Apresentei aqui, então, um panorama inicial, útil como ponto de partida para examinar seus elementos com cautela. De um lado, estão as teorias que concebem o sujeito como estruturado a partir da pulsão e, de outro, teorias que o concebem como estruturado a partir das relações com um outro, ou, em termos psicanalíticos, das relações com objetos.

Para avaliar o lugar da alteridade nas diferentes concepções de constituição do psiquismo e de experiência intersubjetiva presentes nas teorias psicanalíticas, interessa examinar o conceito de “objeto”, nessas teorias. Em Freud, por exemplo, a noção de objeto, bem como todas as noções derivadas, tais como “escolha de objeto” e “relação de objeto”, estão bastante atreladas à concepção de “pulsão”. Em seu *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o objeto é a “pessoa de quem provém a atração sexual”¹. Esse outro, do qual parte a atração sexual, ganha o estatuto de objeto fundamentalmente por causa da pulsão que para ele se dirige. Em 1915, em *Os instintos e suas vicissitudes*, o objeto é um meio para o fim primordial da pulsão que é o de eliminar um estado de tensão por meio de uma modalidade de satisfação. Em outros termos, a pulsão busca o prazer por meio do objeto. Aqui cabe uma comparação: em Fairbairn, representativo do modelo estrutural-relacional, há uma reformulação da teoria pulsional, na qual os termos *prazer* e *objeto* estão invertidos quanto aos fins e meios: a libido não buscaria o prazer utilizando os objetos como um meio, mas a libido buscaria primordialmente o objeto; essa seria a característica principal da própria energia libidinal.

Na segunda tópica freudiana, o objeto ganha novo estatuto na medida em que participa da estruturação do psiquismo: em 1923, em seu *O Ego e o id*, os objetos infantis aparecem como fundamentais na constituição das instâncias ego e superego. O objeto também ganha importância nas relações do sujeito com o

¹ FREUD, 1905/1989, p. 127.

mundo externo, como um mediador. Tal como é formulado em 1921, em seu *Psicologia de grupo e análise do ego*, há uma ênfase aos objetos no interior do aparelho psíquico e na relação, por eles mediada, com o mundo externo dos grupos. Falando de forma geral, a relação dos indivíduos na cultura (*O mal estar na civilização*, de 1929, e *O futuro de uma ilusão*, de 1927) é também mediada pela instância superego, seguindo o padrão das relações objetais infantis. Mas, embora o estatuto do objeto tenha se modificado com a postulação do aparelho psíquico da segunda tópica, o papel que a pulsão possui em sua determinação continua sendo central. Vale lembrar, por exemplo, as íntimas relações que Freud estabelece entre a instância superego e o id, em sua Conferência XXXI (1933/1974). No esquema ali proposto para configurar as relações estruturais da personalidade, aquelas duas instâncias estão em uma relação de *fusão*.

Octávio Souza (2001) destaca que a teoria das pulsões em Freud é uma teoria de formulação fundamentalmente econômica, o que teria tornado difícil a ele pensar o papel do outro na constituição do sujeito. A dimensão da alteridade estaria, então, circunscrita e limitada por uma metapsicologia apoiada no conceito de pulsão. Apesar de sua sensibilidade quanto ao lugar da alteridade na constituição do sujeito, tal como aparece, por exemplo, com o conceito de superego e na teoria sobre as identificações, Freud não teria se detido na questão do papel do outro no início da vida psíquica. Freud incluiu o outro ao pensar a constituição do sujeito, mas concebeu um outro, por assim dizer, ele próprio constituído em função dos movimentos pulsionais.

Segundo Greenberg e Mitchell (1994), Melanie Klein também faz parte do modelo estrutural-pulsional. Apesar de toda a reformulação que ela teria feito sobre o próprio conceito de pulsão e da importância conferida às relações objetais na constituição do psiquismo, foi central em sua teoria o peso conferido à experiência pulsional. Assim, os impulsos até podem ter sido postulados como essencialmente relacionais, mas os ob-

jetos iniciais fazem parte de um arcabouço de imagens universais herdadas filogeneticamente, segundo os autores. Quanto a um dos aspectos de sua técnica, é notória a importância dada à interpretação das fantasias inconscientes, e lembremos que as fantasias, para Klein, são a expressão mental dos instintos (ISAACS, 1952/1982).

De fato, a pulsão cumpre um importante papel na formulação de Klein sobre a constituição do psiquismo, e isso é possível constatar pelo exame de seus escritos desde o início. Mas, para que se possa avaliar o lugar da alteridade em seu pensamento, examinemos também aqui alguns aspectos de suas formulações em torno das diferentes noções de objeto em sua obra.

A despeito do mundo interno kleiniano – aquele mundo que ela supõe ser habitado pelo que denominou de “objetos internos” – ser constituído com forte influência de um suposto arcabouço pulsional inato, Klein tem um modo particular de conceber a própria pulsão, como já indicaram Greenberg e Mitchell (1994). Gostaria de ressaltar que esse modo particular faz do objeto um elemento fundamental em sua concepção de estruturação do psiquismo: o outro, mesmo que interno e/ou parcial, está presente como protagonista ao lado do sujeito, desde as primeiras cenas da sua vida. A pulsão para Klein é essencialmente dotada de expressividade: é amor, ódio, voracidade, e assim por diante. É bem verdade que essa concepção altera, senão reduz, a ideia original freudiana de pulsão; porém, nessa transformação, houve a inclusão do outro na própria descrição da atividade pulsional. A pulsão não investe representações de objetos, mas, como diz Souza, a pulsão “é, nela mesma, nos seus fatores de voracidade, de inveja e de gratidão, abertura ao outro”².

Em segundo lugar, o objeto, em Klein, é uma entidade bastante diferente da postulada por Freud. Ele difere da noção presente na primeira tópica na medida em que é mais que um destino pulsional ou um receptáculo para

² SOUZA, 2000, p. 221-222.

a pulsão, mas é uma entidade com contornos de outro sujeito: o objeto kleiniano é um ser que, do ponto de vista do bebê, é animado, possui intenções em relação a ele. Esse objeto é um outro sujeito, diferente de uma representação no interior do aparelho psíquico. Para Klein, portanto, um outro já existe desde as primeiras manifestações pulsionais, pois, em resumo, a pulsão “constitui os objetos, eles mesmos, em sua subjetividade”.³

Klein, ao postular as duas modalidades relacionais chamadas de posição esquizo-paranoide e posição depressiva, descreveu relações diferentes com objetos também diferentes. Passo a avaliar, então, alguns aspectos desses objetos.

O “OBJETO PARCIAL”

A ideia de um objeto da pulsão que não corresponde a uma pessoa inteira já está presente em Freud. Na postulação de objetos, tais como criança, pênis, fezes e dinheiro, como intercambiáveis no erotismo anal; ou na fixação do fetichista em um objeto substituto do pênis da mãe. Aqui também fica clara a estreita relação entre essa noção de objeto e pulsão, pois o objeto é parcial quando é visado pela pulsão parcial.

Klein é responsável pela primeira grande teorização sobre o tema, justamente porque os objetos, para ela, possuem outro estatuto. Para começar, a psicanalista (especialmente após 1946) refere-se ao objeto parcial como aquele que poupa o sujeito da experiência de ambivalência de sentimentos na relação com o “objeto total”. Portanto, as primeiras relações com o objeto são marcadas pelo caráter unívoco de sentimentos dirigidos a vários objetos parciais. Na formulação da posição esquizo-paranoide, quer pensemos na vivência do bebê ou do adulto, em dado momento a pessoa só ama um objeto que é fantasiado como inteira e absolutamente bom; em outro momento, a pessoa só odeia o objeto fantasiado como completamente mau. É interessante pensar que, de fato, quando estamos

diante de alguém que é percebido como inteiramente mau, tendemos a ser tomados inteiramente pelo ódio. O objeto parcial tem como contrapartida um ego que não tolera a ambivalência de sentimentos.

Pode-se dizer que o objeto parcial possui duas dimensões, na obra de Klein: “parcial”, referindo-se aos estados de sentimentos que o sujeito possui em relação a ele, e que também lhe atribui – ao objeto mau (a quem se odeia) ou o objeto ideal (por quem se tem adoração); mas há também uma dimensão que se refere ao “parcial”: parcial como partes do corpo – pênis e seios, por exemplo – em oposição ao objeto inteiro.

Quanto aos estados de sentimentos, notemos a estreita relação entre os estados de frustração e gratificação do bebê e o modo como percebe o objeto: é bom se há gratificação e é mau se há frustração, por isso é um objeto emocional. As características pertencentes ao objeto parcial, como entidade exterior ao sujeito não aparecem na relação parcial. O objeto não teria, assim, características próprias, separadas e independentes do sujeito. Alguma existência separada do objeto com relação ao sujeito é atributo do objeto total, razão pela qual é particularmente intensa a preocupação em preservá-lo. Então, pelo fato de o objeto ganhar determinadas características de acordo com a vivência do sujeito, ele é uma entidade com contornos muito mais narcísicos que objetais.

Estou aqui falando do bebê e da experiência com a mãe, mas é possível reconhecer esse aspecto do objeto parcial na nossa vivência da posição esquizo-paranoide de cada dia, ou então, mais drasticamente, na experiência que podemos observar de psicóticos: quando diante de um objeto parcial, alguém a quem, num dado instante, odiamos por ser sentido como inteiramente detestável, é alguém cujos aspectos próprios não podem ser contemplados por nós. A dimensão da alteridade, aqui, acontece de modo que o outro é menos o outro do que eu mesmo e o que eu sinto. Mas não esqueçamos: para o sujeito, o objeto

³ Ibid, p. 222.

parcial é experienciado como exterior, com características próprias e com intenções em relação a ele.

Há uma dimensão paradoxal em jogo na relação parcial: o objeto parcial é narcísico, uma vez que reflete os estados do sujeito, mas a relação com ele é experienciada como a relação com um objeto diferente. É importante ressaltar que o sujeito lhe atribui sentimentos, qualidades e intenções que precisam ser sentidas como alheias ao *self*.

Com a postulação e desenvolvimento dessa noção, Klein confere ao objeto, ainda que narcísico, uma importância na vida do bebê e na constituição do psiquismo, jamais teorizada por seus antecessores. O psiquismo é um aparelho que se volta imediata e instantaneamente para um outro, embora esse outro seja, na sua forma inaugural, reflexo da própria vivência do sujeito.

A propósito do objeto parcial, gostaria de destacar um aspecto que evidencia um impasse na teoria kleiniana dos objetos, que desenvolverei mais adiante. Qual o papel, para ela, da realidade externa nesses conceitos? A despeito do caráter narcísico dos objetos parciais, não há como não fazer referência à mãe externa em sua dimensão concreta e real, quando examinamos o seu surgimento no início da vida, pois Klein faz referência ao seio e ao corpo maternos, sem os quais não haveria objetos. Julia Kristeva (2002) destaca que o objeto da posição esquizo-paranoide é fundamentalmente uma construção interna, embora o ego infantil o situe como exterior. Apesar disso, essa interioridade não significa que se trate de algo puramente pulsional. Esse objeto, que é interno, manifesta a presença da fantasia (ligado, por isso, à pulsão), mas é “igualmente constituído de elementos substanciais e sensoriais”⁴. Fragmentos do próprio corpo de bebê, sua boca, seu ânus e os produtos de seu corpo (fezes e urina), fragmentos do corpo da mãe e seus produtos, o leite, seios, mas também voz, rosto, mãos e colo, todos esses elementos substanciais da

mãe e do próprio bebê, captados por sua sensorialidade, são objetos parciais. É possível dizer que eles nada têm de externo ou de elementos do outro? Kristeva (2002) refere-se à realidade externa de tal modo que supomos que ela a esteja considerando imprescindível na constituição do objeto, mesmo quando é parcial, especialmente quando se refere ao seio bom gratificador.

No entanto, o seio mau, ao contrário, muitas vezes remete à ideia de uma presença forjada, já que ainda não pode haver ausência de objeto: ele é a presentificação de algo no lugar do seio bom ausente, antes experimentado. Klein, porém, não estabelece uma diferença entre eles quanto à sua natureza. Ela coloca os objetos parciais numa mesma categoria – o seio bom e o mau –, suprimindo, dessa forma, uma diferença que se destaca, quando nos detemos na relação entre a realidade externa e o conceito de objeto.

Concluindo por ora, posso dizer que o objeto parcial kleiniano, embora tenha em sua essência o traço narcísico, *necessita do outro para existir*. O objeto parcial mau talvez possa prescindir, por vezes, desse outro, uma vez que ele surge justamente como a presença no lugar de uma ausência que o bebê ainda não consegue suportar.

O “OBJETO TOTAL”

O objeto total – formulado por ocasião do artigo de 1935, que tematiza a posição depressiva – em contrapartida ao parcial, não é mais percebido de forma tão atrelada à vivência do bebê: ele possui características próprias, mais descoladas dessa vivência, num dado momento. As qualidades antes vistas separadamente nos objetos parciais podem ser agora reconhecidas como componentes de um só objeto: ele é o bom que satisfaz, mas é também o mau que frustra. Segundo Hinshelwood, o objeto total envolve “a capacidade de perceber uma pessoa ‘tal como ela realmente é’ (...)”⁵. O *real* mencionado por Hinshelwood parece ser aquilo que se opõe à

⁴ KRISTEVA, 2002, p. 78.

⁵ HINSHELWOOD, 1992, p. 384.

natureza fantasística do objeto parcial ou estreitamente atrelada aos estados emocionais do bebê. No entanto, a ideia kleiniana dessa percepção mais objetiva que o bebê pode ter da mãe por ocasião da posição depressiva é algo problemático em sua teoria, como apontarei adiante.

O bebê agora é capaz de maior estabilidade quanto aos seus sentimentos pelo objeto: a variação é menos brusca do que antes, quando estava totalmente à mercê da satisfação ou frustração; também surgem a preocupação e o interesse pelo objeto. As relações com o objeto total então envolvem uma experiência de alteridade bastante diferente da vivida com o objeto parcial. Ele é, digamos, um outro com características próprias, em alguma medida, distintas das do bebê.

Passo agora às noções de “objetos internos” e “objetos externos”, uma vez que elas também trazem elementos importantes para nossa discussão acerca da alteridade na obra da autora.

O “OBJETO INTERNO”

Nos artigos em que Klein trata da posição depressiva e das manifestações psicopatológicas dos estados maníaco-depressivos, é possível encontrar o conceito de “objeto interno” claramente enunciado. São eles: *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos* (1935) e *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos* (1940). No entanto, é no cerne da postulação original de transferência, na década de 20, que podemos localizar a noção precursora de “objeto interno”, o “objeto introjetado”.

O “objeto introjetado” é o objeto transformado, deformado pelas fantasias, em relação aos objetos reais. Os objetos introjetados são vingativos e temíveis, e o temor que inspiram é transferido para o objeto real, também desde um estágio muito precoce do desenvolvimento. Essa concepção particular de objeto introjetado relaciona-se diretamente à sua observação do brincar: os objetos introjetados são personificados na brincadeira infantil por meio da criação de figuras más.

Sabe-se que Klein é posteriormente obrigada, por sua prática clínica, a reconhecer também a existência de objetos introjetados protetores e benevolentes, embora a noção de imago interna boa já tenha aparecido antes. É em 1932, em seu *Psicanálise da Criança*, que encontramos a menção à ideia de introjeção de bons objetos. Vai surgindo então a ideia de um mundo interno, habitado por objetos internos (seios, fezes, mãe, pai) que, em 1935, ainda não estavam em uma disposição coerente num mundo interior.

No artigo de 1940, *O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos*, Klein enuncia a noção de “objeto interno”. Ela refere-se a uma interação entre as ansiedades relacionadas à mãe externa e às relacionadas à mãe interna; entre as duas mães há uma duplicidade. A mãe interna é um duplo da externa que passa por alterações na mente devido ao próprio processo de internalização.⁶

Ressalto aqui que o externo corresponde ao real, muito claramente. O objeto interno, por outro lado, não é mais o “objeto introjetado”, aquele mero objeto deformado com relação ao real, pois ele possuirá certa autonomia e soberania sobre o modo como o sujeito vivencia sua relação com os objetos externos, como ficará mais claro adiante. Klein postula, agora, certa relação entre o objeto interno e externo, na qual é necessário que a natureza fantasística do primeiro seja motivo para que o bebê continuamente busque se certificar do mundo externo/real dos objetos. O conhecimento e a exploração da realidade externa resultam no estabelecimento contínuo de cópias internas, feitas a partir da experiência que a criança vai tendo com os pais. Para Klein, o teste de realidade corresponde ao alinhamento entre a realidade interna e a externa, sendo uma operação necessária, uma vez que a realidade interna é fantasística e é inacessível à observação e juízo. Assim, a realidade que interessa ser testada é a interna.

A realidade interna é o resultado da experiência complexa que o bebê tem com a

⁶ KLEIN, 1940/1996, p. 388-389.

realidade externa: o modo como ele a aprende é atravessado pelas frustrações e gratificações e pelo ódio e amor pelo objeto. Mas é a realidade interna que determinará, em última análise, os sentimentos do bebê. O duplo interno, então, pode estar muito distante do objeto externo, e é justamente essa distância entre realidade externa e interna que, para Klein, pode fazer com que um processo de luto seja normal ou patológico.

O teste de realidade em jogo faz parte daquilo que ela denomina de elaboração da posição depressiva, que, segundo ela, é gradualmente superada ao longo da neurose infantil. As aquisições desses primeiros anos envolvem o firme estabelecimento dos objetos internos bons, sendo um período, portanto, em que o mundo interno está sendo constituído. A elaboração da posição depressiva implica a integração de vários aspectos do objeto, os aspectos bons e maus e os aspectos internos e externos – que resultará no “objeto total”.

Adiante abordarei os significados que a noção de *realidade externa* possui para a autora. Pode-se, no entanto, adiantar que Klein sugere uma correspondência entre o objeto total da posição depressiva e a realidade, referindo-se com isso a essa reunião dos aspectos internos e externos, bons e maus do objeto. Em seu artigo de 1940, remete-se a algo já dito por ela mesma desde 1935:

Tudo indica que nesse estágio de desenvolvimento a unificação entre os objetos externos e internos, amados e odiados, reais e imaginários se dá de tal forma, que cada etapa conduz a uma nova cisão das imagos. Contudo, à medida que vai aumentando a adaptação ao mundo externo, essa cisão ocorre em planos que vão se aproximando cada vez mais da realidade.⁷

Passagens como esta nos levam a pensar que, para o desenvolvimento bem-sucedido,

⁷ KLEIN, 1940/1996, p. 393.

ou o estabelecimento do bom objeto interno, do ponto de vista da autora, a realidade externa e seus objetos também devam ser favoráveis. Afinal, quais são os fatores principais que influem na constituição do mundo interno? Primeiramente, a incorporação deformada desse objeto, processo em que as fantasias e, portanto, as pulsões são determinantes. Mas não há como negar que a busca pela verificação do objeto externo confere à realidade externa um papel importante. A fronteira entre a normalidade e a patologia envolve precisamente essa possibilidade de a realidade externa refutar as ansiedades e o sofrimento relacionados à realidade interna.

Aqui vale a pena lembrar que o que está em jogo nessa possibilidade não é a oposição realidade externa *versus* fatores constitucionais. O que Klein parece valorizar, ao lado da realidade externa, é a *realidade interna* como resultado de processos que envolvem, sim, a dimensão pulsional, mas que não são decorrência direta dela.⁸ O que podemos apreender do pensamento da autora, apesar do uso de termos como “agressividade inata”, é que o determinante, ao lado dos fatores externos, é o mundo interno como resultado de um processo de interação entre a dimensão pulsional e o que já está constituído como mundo interno com a participação do ambiente. Ainda que levemos em conta a importância dada pela autora à dimensão pulsional, o mundo interno não se constitui sem a participação da realidade externa que sempre está lá, quer como parte da matéria-prima das fantasias do bebê, quer como, mais tarde, aquilo que também poderá refutá-las.

Essas considerações servem também para colocar em evidência a importância do conceito de “mundo interno” – e, é claro, “objetos internos” – na teoria kleiniana. Os objetos e mundo internos têm o estatuto que a constituição biológica possui nos seres vivos não humanos, com consequências equipará-

⁸ Esse ponto de vista também foi apresentado por Cintra e Figueiredo (2004), ao proporem o binômio mundo interno-ambiente, em vez do binômio constitucional-ambiental.

veis para as vicissitudes da vida do sujeito. Um exemplo disso é o fenômeno do luto. O que está em jogo nesse processo é, fundamentalmente, a ameaça que sofrem os objetos internos: a dor do luto pode ser intensificada pelas fantasias de que os objetos internos bons estão perdidos. Para Klein, o enlutado não só reincorpora a pessoa perdida, mas também reinstala os objetos bons internalizados – os pais amados – que se tornaram parte de seu mundo interno, desde etapas arcaicas do desenvolvimento. São esses objetos, os primeiros, que se tem a impressão de terem sido também destruídos, quando se enfrenta a morte de uma pessoa querida. Trata-se de reativar a posição depressiva arcaica, com as ansiedades, culpa, no singular sentimentos de perda e as inúmeras fantasias características daquela primeira vivência. Assim como a criança luta para estabelecer e integrar seu mundo interno, o enlutado “também sofre a dor de restabelecê-lo e reintegrá-lo”.⁹

Uma vez que a pessoa morta é *representante* dos primeiros objetos do início da vida, pode atrair para si alguns sentimentos relacionados, em sua origem, a esses primeiros objetos. Um dos perigos derivados dessa possibilidade é, por exemplo, o desvio do ódio para a pessoa que se foi, acompanhado da sensação de triunfo sobre ela e o conseqüente aumento de culpa. Mas o que, de fato, é vivenciado é a culpa pela destruição do primeiro e mais importante objeto. O conhecido fenômeno de idealização da pessoa morta pode ser compreendido como uma defesa maníaca de reparação onipotente, ou de idealização, do objeto primordial destruído. Quando se operou a reconstrução do mundo interno, o enlutado pode novamente admitir as falhas da pessoa morta, sem que isso ameace o ego com a culpa e sensação de tê-lo destruído. Ou seja, a realidade externa só abala as condições psíquicas do sujeito na medida em que o mundo interno sofre alguma ameaça.

Essas considerações sobre o luto normal e anormal¹⁰ esclarecem, então, a necessidade teórica de Klein em postular um mundo de objetos internos. A postulação desse mundo interno, com relativa autonomia com respeito ao externo – especialmente após o curso da neurose infantil, quando esses objetos externos passam a representar os internos – é necessária, pois, está claro, que *é a relação do ego com os objetos internos, e não com os externos, que determinará o modo como o sujeito atravessará suas experiências*. No caso do luto, ele será normal ou não de acordo com a relação que o enlutado possui com os objetos internos, que são apenas representados pela pessoa externa morta. O estabelecimento de um bom objeto interno na infância capacita o sujeito a vivenciar o luto de forma normal, reinstalando o bom objeto internamente. Se não houve suficiente elaboração da posição depressiva, podemos encontrar os estados maníaco-depressivos até mesmo sem a morte real de alguém.

Posto isso, como pensar a alteridade em Klein? Se o objeto externo é tão somente *representante* do interno, e o mundo interno está no centro da determinação dos fenômenos mentais, ao outro parece não haver nenhum lugar na teorização kleiniana. Mas examinemos detidamente mais alguns aspectos de sua obra.

Com relação aos seus antecessores, Klein inaugura uma concepção de psiquismo em que o objeto comparece desde os primeiros momentos de vida. Por isso, a alteridade, ainda que concebida de forma bastante própria, é condição inaugural do psiquismo.

“OBJETO”, “MUNDO” E “REALIDADE EXTERNOS”

Segundo a leitura de Hinshelwood (1992), para Klein, as noções de “objeto externo” e de “mundo externo”, ou “realidade externa” designam os objetos e mundo *tal como*

⁹ KLEIN, 1940/1996, p. 397.

¹⁰ Klein usa esses termos para discriminar processos de luto em que há ou não a presença de quadros clínicos de depressão.

são percebidos pelo sujeito, com as influências maiores ou menores das fantasias inconscientes. Dessa forma,

(...) dependendo da intensidade da fantasia, o sujeito terá uma maior ou menor capacidade de (a) ver o objeto externo tal como realmente é, ou (b) alterar realmente o objeto por meio de manobras provocativas inconscientes, a fim de fazê-lo corresponder às suas percepções.¹¹

Acrescenta ainda que o objeto externo não é um objeto físico, mas “a presença psicológica da pessoa”¹². Essa concepção permitiria, por exemplo, tomar o inconsciente da mãe como objeto externo. O caráter externo do objeto, portanto, não teria nada a ver com sua concretude física, mas com a efetividade de sua presença para o sujeito. Nessa concepção de objeto e realidade externa, tal como Hinshelwood nos apresenta, não haveria equivalência entre os termos *externo* e *real* (real, no sentido de um objeto idealmente não deformado pela percepção), já que o externo é o que é percebido, processo atravessado menos ou mais pela fantasia.

Penso, no entanto, que não é possível encontrar apenas uma significação para as noções de objeto externo e realidade externa no texto kleiniano. Klein, por vezes, refere-se também ao objeto e mundo externos como aquilo que, diferente dos internos, corresponde ao que realmente são (naquele sentido do objeto não deformado pela percepção).¹³

¹¹ HINSHELWOOD, 1992, p. 381. Aqui o autor parece se referir ao mecanismo da identificação projetiva. Este é um fenômeno intersubjetivo, tal como autores neo-kleinianos vão desenvolver, a partir de Wilfred Bion. Como tal, no entanto, não é desenvolvido pela autora.

¹² Ibid, p. 382, grifo do autor.

¹³ A homogeneização de diferentes significações em torno de uma noção, tal como esta, faz passar despercebidos os impasses que possuem certos modelos de compreensão, cuja superação muitas vezes só podemos reconhecer em um autor dissidente. Acreditamos que isso se passa com as noções de “externo” e “interno” em Klein. Veremos adiante de que maneira a concepção de realidade em Winnicott representa uma superação das contradições em torno desse tema.

A elaboração da posição depressiva envolve, como ela afirma, a “unificação entre os objetos externos e internos, amados e odiados, reais e imaginários”¹⁴, de modo que cada vez mais é possível uma aproximação da realidade. Passagens como a seguinte não parecem deixar muitas dúvidas de que Klein não está se referindo ao objeto externo como o objeto, tal como percebido pelo sujeito, mas à realidade da mãe:

Assim, a mãe visível continuamente oferece provas de como é a mãe ‘interna’: amorosa ou ríspida, prestativa ou vingativa. Até que ponto a realidade externa pode refutar as ansiedades e o sofrimento relacionado à realidade interna varia de indivíduo para indivíduo, mas esse fator pode ser tomado como um dos critérios da normalidade.¹⁵

Klein está aqui opondo a realidade interna à externa, a primeira caracterizada justamente pelo fato de não ser acessível à verificação, como seria a segunda. Exatamente por isso, é preciso efetuar uma verificação; por meio de um teste da realidade que diz respeito à realidade, e não à percepção que o sujeito tem dela.

É importante observar, por fim, que, ainda que tomemos em conta todas as formulações posteriores, a autora não abandona as ideias contidas nos dois artigos sobre a posição depressiva. Ao contrário, é possível encontrar certas formulações mais maduras nas quais aparece novamente esse aspecto aqui ressaltado sobre a proximidade das noções de *externo* e *real*. Por exemplo, em *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides* (1946), Klein se refere à retirada excessiva para o mundo interno e à fuga para o objeto idealizado interno como uma das várias perturbações na interação entre projeção e introjeção, possivelmente processos que estão

¹⁴ KLEIN, 1940/1996, p. 393, grifos meus.

¹⁵ Ibid., p. 389.

na raiz de algumas formas de esquizofrenia e “que implicam uma cisão excessiva do ego, [e que] exercem um efeito prejudicial sobre a relação com o mundo interno e o externo (...)”¹⁶. Aqui está presente a ideia de que faz diferença introjetar algo do mundo externo ou só se relacionar com o mundo interno: na retirada, interrompe-se um processo em que o ego não pode se beneficiar da realidade externa. Aqui o objeto externo parece ser mais do que suporte das pulsões, pois

o amor e a compreensão da mãe para com o bebê podem ser vistos como o maior recurso à disposição do bebê para a superação de estados de desintegração e de ansiedades de natureza psicótica.¹⁷

Por fim, ainda que no mecanismo de identificação projetiva se estabeleçam relações narcísicas com o objeto, pois nesse está em jogo a projeção do próprio *self* do sujeito, há um elemento externo que poderia cumprir uma importante função. É Bion (1967) quem partirá exatamente dessa presença do externo como real em Klein, para desenvolver o conceito, abordando a importância dos processos que acontecem no vetor objeto-sujeito por meio da postulação da função- alfa da mãe e analista claramente atribuindo um papel relevante ao externo como *real*, na constituição do psiquismo do sujeito.

CONCLUSÃO

Klein é, claramente, herdeira de um pensamento dualista que opõe o mundo externo ao mundo interno e, com isso, cria certos impasses como este último que abordei:

como operar um teste de realidade, como ajuste entre objeto externo e interno, se o externo é aquilo que se pode apreender pela percepção? Quando a autora se refere ao teste de realidade, trata do externo como real, mas o conjunto de suas formulações indica que o externo é produto, afinal, da atividade fantasística do sujeito, ajustando-se mais à apreensão que Hinshelwood faz de mundo externo para Klein. Seu modelo de inteligibilidade do psiquismo, apoiado na oposição externo-interno como equivalente à oposição real-fantasístico, parece não dar conta da experiência que ela, no entanto, busca descrever. Assim, considero que uma leitura como a de Hinshelwood sobre o texto kleiniano homogeneiza noções diversas que vão aparecendo ao longo de seus escritos, encobrindo seus impasses e limitações. Sua concepção de realidade faz contraste com as ideias de outros autores que a sucederam, como Winnicott, por exemplo. Esse autor enfrentou os impasses conceituais que surgiram na obra de Klein, superando a sua visão dicotômica que opõe as dimensões interna e externa, ao propor, entre outras, a concepção de transicionalidade (COELHO JUNIOR, 2004; SIGLER, 2008).

No entanto, mesmo partindo de uma concepção filosófica que simplifica as noções de realidade, limitando o alcance da alteridade na obra, ao formular seus conceitos, Klein enfatizou a *experiência do sujeito com o outro, ainda que fantasístico, desde os primeiros momentos de vida*. Dessa forma, a autora chamou a atenção para aspectos do sujeito, do objeto e de suas relações, aspectos esses que conferiram importância particular à alteridade em sua obra.

¹⁶ KLEIN, 1946/1991, p. 30.

¹⁷ Ibid., 1946/1991, p. 29.

REFERÊNCIAS

- BION, W. Attacks on linking. *International Journal of Psycho-Analysis*. 40:308-15, 1959; republicado em BION, W. R. *Second Thoughts*, London: Heinemann, 1967.
- CINTRA, E. M. de U.; FIGUEIREDO, L. C. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2004.
- COELHO JUNIOR, N. E. Entre Realidades. In: BARONE, K. C. B.. *Realidade e Luto: Um estudo da transicionalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004 p.11-17.
- FREUD, S. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. VII, p. 118-230. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Texto originalmente publicado em 1905).
- _____. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV, p. 137-168. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto originalmente publicado em 1915).
- _____. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XVIII, p. 91-184. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto originalmente publicado em 1921).
- _____. O ego e o id. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIX, p. 23-90. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto originalmente publicado em 1923).
- _____. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI, p. 15-80. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto originalmente publicado em 1927).
- _____. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI, p. 81-178. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto originalmente publicado em 1929).
- _____. Conferência XXXI – A Dissecção da personalidade psíquica. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXII, p. 75-102. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Texto originalmente publicado em 1933).
- GREENBERG, J. R.; MITCHELL, S. A. *Relações Objetais na Teoria Psicanalítica*. Trad.: Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- HINSHELWOOD, R. D. *Dicionário do Pensamento Kleiniano*. Trad.: Jose Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ISAACS, S. A natureza e a função da fantasia. In: KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S.; RIVIERE, J. (Org.).CORRETO: (orgs.). *Os progressos da psicanálise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. Koo-gan, 1982. p. 79-135. (Texto originalmente publicado em 1952).
- KLEIN, M. Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas. In: _____. *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos: 1921-1945*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 152-163. (Obras Completas de Melanie Klein; v. 1 - Texto originalmente publicado em 1926).
- _____. Uma contribuição à psicogênese dos estados maniaco-depressivos. In: KLEIN, M. *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos: 1921-1945*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 301-329. (Obras Completas de Melanie Klein; v. 1 - Texto originalmente publicado em 1935).

_____. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: _____. *Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos: 1921-1945*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 385-412. (Obras Completas de Melanie Klein; v. 1 - Texto originalmente publicado em 1940).

_____. *Psicanálise de Crianças*. Trad.: Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras Completas de Melanie Klein; v.2 – Texto originalmente publicado em 1932)

_____. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: KLEIN, M. *Inveja e Gratidão e outros trabalhos, 1946-1963*. Trad. da 4ª. edição inglesa coordenada por Elias Mallet da Rocha e Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3 - Texto originalmente publicado em 1946).

KRISTEVA, J. *O Gênio Feminino: a vida, a loucura, as palavras. Tomo II – Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. (Gênero Plural)

SOUZA, O. Aspectos do encaminhamento da questão da cientificidade da Psicanálise no movimento psicanalítico. In: PACHECO FILHO, R. A.; COELHO JR., N.; ROSA, M. D. *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo e EDUC, 2000, p. 205-234.

_____. Nota sobre algumas diferenças na valorização dos afetos nas teorias psicanalíticas. In: BEZERRA JR., B.; PLASTINO, C. A. (orgs.). *Corpo, Afeto, linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2001. p. 285-298. SUBSTITUIR POR:

SIGLER, R. *A importância da realidade na constituição do sujeito e na clínica psicanalítica: investigação sobre o trabalho de Melanie Klein e Hans W. Loewald*. 2008. 196 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

DADOS DA AUTORA:

ROSANA SIGLER

Psicanalista. Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Docente e Pesquisadora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e Docente do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco (USF).

Recebido: 4-10-2011

Aprovado: 20-03-2012